



Artigos originais

Prazer e trabalho: estudo sobre mulheres trabalhadoras rurais

Pleasure and work: study on rural women workers

Marcele Schreiner Tonet ¹
 Edna Linhares Garcia ²
 Éboni Marília Reuter ²
 Hildegard Hedwig Pohl ²

¹ Universidade Luterana do Brasil, RS

² Universidade de Santa Cruz do Sul, RS

RESUMO: A agricultura destaca-se como base da economia nacional, de modo que se torna relevante investigar a forma como o trabalho desse setor está implicado na produção de saúde e de adoecimento. Nessa perspectiva, ressaltamos a necessidade de produção de conhecimento especialmente quanto às mulheres trabalhadoras rurais, uma vez que sua importância não é devidamente reconhecida. Trata-se de uma abordagem que evidencia a relação entre o trabalho realizado por agricultoras e a produção de prazer e saúde vivenciados por essas mulheres no contexto rural. A partir de entrevistas realizadas com mulheres rurais que trabalham em pequenas propriedades familiares, localizadas em municípios da região central do Estado do Rio Grande do Sul, analisamos os sentidos produzidos acerca do trabalho que realizam, na perspectiva teórica de autores da Psicodinâmica do Trabalho. Foi possível identificar processos de saúde e estratégias defensivas utilizadas pelas trabalhadoras para evitar o sofrimento e buscar o prazer. Como resultado, constatamos que essas mulheres rurais transformam em prazer o sofrimento excessivo - inerente ao trabalho que realizam - quando conseguem expressar sua criatividade ou quando rompem com a divisão desigual no trabalho e quando obtêm reconhecimento da fundamental importância de sua participação no desenvolvimento do produto final das atividades. Palavras-chave: Saúde, Mulheres, Trabalho

ABSTRACT: Agriculture can be highlighted as the basis of the national economy, hence, it is important to investigate the way in which work in this sector is involved in the production of both health and illness. From this perspective, we have emphasized the need for production of knowledge about rural working women, since their importance has not been acknowledged. This approach has evidenced the relationship between rural women's work and the production of pleasure and health experienced by women in the rural context. From interviews with rural women working in small family farms in the central region of the state of Rio Grande do Sul, we have analyzed the meanings produced about their work, regarded from the perspective of authors in the field of Psychodynamics of Work. It has been possible to identify health processes and defensive strategies used by the workers to prevent distress and enhance pleasure. As a result, we have concluded that those rural women convert the overwhelming distress inherent to their work into pleasure when they can express their creativity, when they disrupt the unequal work distribution, and when the fundamental importance of their participation in the development of the product resulting from their activities is acknowledged.

Keywords: Health, Women, Work

1. Introdução

A 66ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas estabeleceu 2014 como o Ano Internacional da Agricultura Familiar. A partir disso, a Organização das Nações Unidas (ONU) objetiva dar visibilidade aos pequenos agricultores, aumentando a atenção mundial para seu importante papel na erradicação da fome e pobreza, fornecimento de segurança alimentar e nutricional, melhoria dos meios de subsistência, gestão dos recursos naturais, proteção do meio ambiente¹.

A ONU revela que existem mais de 500 milhões de propriedades agrícolas familiares no mundo, tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento. A agricultura

familiar é a forma predominante de produção de alimentos, totalizando 80% da produção mundial. O setor agrícola é o esteio de muitas economias, pois garante a segurança alimentar, a possibilidade de exportação e o desenvolvimento rural. No entanto, o papel das mulheres, em grande parte, não é reconhecido na agricultura, principalmente nos países em desenvolvimento, o que ocasiona limitações para o avanço desse setor, que, por isso, necessita de atenção urgente¹⁻².

Nesse contexto, fica evidente a necessidade de investigar sobre a saúde do trabalhador e da trabalhadora rural, especialmente identificando a forma como o trabalho está implicado na produção de saúde e adoecimento dessa população. Dejours³ considera que saúde no trabalho não implica a ausência de sofrimento, mas as possibilidades internas e externas do sujeito de transformar as situações adversas que ocorrem no dia a dia laboral, em movimento de busca de prazer e fuga do sofrimento³⁻⁴. O trabalho é mais do que uma tarefa que o sujeito executa, é um processo que envolve a subjetividade, o corpo e o cognitivo³. Trabalhar pressupõe certo grau de sofrimento, porém, a partir da dinâmica envolvida no engajamento subjetivo na execução da tarefa, o trabalho adquire significado, ou seja, torna-se a manifestação da subjetividade do trabalhador sobre o ato de trabalhar⁵.

A psicodinâmica do trabalho propõe uma forma de compreender como os trabalhadores mantêm equilíbrio psíquico mesmo em condições de trabalho difíceis e, em muitos casos, desestruturantes⁶. Segundo essa teoria, é necessário, após diagnosticar o sofrimento psíquico em situações laborais, analisar a organização do trabalho à qual os indivíduos estão submetidos. As intervenções devem buscar estratégias construídas coletivamente que deem conta do trabalho prescrito, de modo a evitar o sofrimento e produzir o prazer⁷.

Nessa perspectiva teórica, identificamos a necessidade de refletir sobre o trabalho das agricultoras, considerando-o como uma atividade relacionada à produção de saúde e implicada em estratégias defensivas utilizadas por essas mulheres, bem como capaz de configurar os meios para realizar sua identidade social.

Dessa forma, objetivamos analisar os sentidos produzidos por meio das narrativas das mulheres rurais frente à jornada de trabalho e os afazeres domésticos, entre outras atividades, evidenciando como as experiências dessas mulheres estão associadas ao prazer e à saúde no trabalho.

2. Método

Este é um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa, seguindo a proposta teórico-metodológica de Spink⁸. Para a autora, a análise da produção de sentidos garante a neutralidade do pesquisador, pois possui um rigor técnico específico para o estudo dos resultados. Os dados são submetidos às técnicas de objetivação da subjetividade, utilizadas para a compreensão dos sentidos, sem perder o contexto nos quais eles ocorrem. Os mapas das associações de ideias sistematizam a análise dos sentidos e buscam manter os aspectos da linguagem no momento em que elas ocorrem; também permitem criar associações que contemplem as narrativas, propiciando recursos para entender a produção de sentido⁹.

Participaram deste estudo 14 agricultoras com idade entre 19 e 73 anos, residentes na zona rural dos municípios da microrregião sul do Conselho Regional de Desenvolvimento – Vale do Rio Pardo (COREDE-VRP). Os municípios que participaram da pesquisa foram: Vale Verde, Passo do Sobrado, Encruzilhada do Sul, Candelária, Pantano Grande, Rio Pardo e General Câmara. Esses sete municípios, localizados na região central do interior do Estado do Rio Grande do Sul, desenvolvem e dependem basicamente da agricultura familiar¹⁰. Foi escolhida essa região pelo fato de que, nos últimos anos, o governo do Estado vem investindo nessa área, que contempla os municípios com menor desenvolvimento econômico. Para a elaboração de políticas públicas, é necessário reconhecer a necessidade da população e, dessa forma, contribuir para a promoção de saúde da região.

Os sujeitos desta pesquisa são mulheres residentes no interior dos municípios do COREDE-VRP. Elas foram selecionadas por exercerem alguma atividade laboral no campo e por concordarem em participar do estudo. Após receberem explicações referentes aos objetivos da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, sob CAAE nº 25193913.9.0000.5343 (número do parecer 639440).

Entre abril e setembro de 2014, ocorreram as entrevistas semiestruturadas, em que 12 perguntas abertas forneceram os dados a respeito do cotidiano, rotina e sentimento das mulheres rurais frente à jornada de trabalho. As entrevistas foram gravadas em mídia digital e, posteriormente, transcritas. Os dados obtidos foram dispostos em mapas de associação de ideias, preservando-se as sequências das falas. Foi utilizado o procedimento de análise de produção de sentido, conforme proposto por Spink⁸. As categorias de análise originaram-se dos sentidos produzidos, vinculados com o tema da pesquisa. As entrevistas realizadas buscaram identificar como essas mulheres narram sua atividade laboral, com o objetivo de investigar a relação entre trabalho e prazer. Cabe salientar que os trechos de entrevistas serão identificados com nomes fictícios, para preservação da identidade das voluntárias.

Os resultados estão divididos nas seguintes categorias: Possibilidades de Trabalho Criativo, Divisão e Organização do Trabalho, Reconhecimento Alcançado pelo Trabalho Realizado e Configurações de Sofrimento no Trabalho Transformado em Prazer. Utilizaram-se os modelos teórico-explicativos da Psicodinâmica do Trabalho, propostos por Dejours³⁻⁶⁻¹¹, para discutir os sentidos produzidos pelas agricultoras acerca de seu trabalho, identificando-se como essa atividade pode produzir prazer em suas vidas. Para contextualizar, serão utilizados trechos das entrevistas.

3. Resultados e Discussão

A vida das agricultoras gira em torno do trabalho: se essa é uma verdade indiscutível, também é inegável que muitas mulheres rurais adoecem de tanto trabalhar. Porém, algumas trabalhadoras apresentam estratégias para defender-se das adversidades e transformar o sofrimento inerente ao trabalho em prazer por realizá-lo. As mulheres rurais apresentadas neste estudo demonstram que produzem prazer em suas atividades, principalmente por meio da dinâmica de reconhecimento do seu trabalho.

Foram selecionadas narrativas de entrevistadas que não trabalham apenas na agricultura, mas também em outras áreas no contexto rural. Algumas mulheres já estão aposentadas, outras mantêm atividades sem ligação direta com a lavoura, porém todas têm em comum o fato de terem trabalhado na agricultura e terem iniciado essas atividades quando ainda crianças. Todas as mulheres executam o trabalho doméstico com exclusividade, são ou foram casadas, têm filhos e afirmam gostar muito do que fazem.

3.1 Possibilidades de Trabalho Criativo

Esta categoria emerge quando se evidencia que foram as próprias mulheres rurais que escolheram suas atividades; elas experimentam e associam o trabalho no campo como uma possibilidade de fazer algo livre, único, criativo e sem a padronização da atividade da cidade. Ao longo de suas narrativas, expressam um contentamento com o trabalho, o que contribui para a superação das dificuldades que vivenciaram em suas histórias de vida. Essa realidade parece um contraponto, na medida em que se sabe que, para a maioria das mulheres rurais, não existe opção em relação ao trabalho que irão realizar quando adultas, imersas que estão desde a infância num contexto de atividade agrícola.

Importante assinalar que, segundo dados de 2011 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD¹², do total da população ocupada com a atividade agrícola, 35,6% são crianças ou adolescentes; deste total, 63,5% têm idade entre cinco e 13 anos. Os dados revelam que houve queda ao longo dos anos em relação ao trabalho infantil agrícola. No entanto, a região sul é a segunda em número de crianças que trabalham, sendo a primeira a região norte.

A análise das entrevistas deste estudo evidencia que as mulheres do campo, desde muito jovens, ainda crianças, sempre executaram alguma atividade laboral, com tarefas e responsabilidades bem definidas. Inicialmente, entre cinco e oito anos de idade, trabalham com suas mães nos afazeres domésticos e mais tarde realizam as atividades na lavoura.

Esse dado demonstra que, apesar de o trabalho infantil estar presente na vida dessas mulheres, atualmente elas associam suas atividades no campo com a liberdade e a autonomia. Percebem nos seus afazeres a possibilidade de transformar seu ambiente com criatividade. Valorizam o fato de produzirem legumes e verduras sem agrotóxicos, por exemplo, e ainda

demonstram satisfação em não estarem submetidas aos padrões e ao tempo da cidade – elas são regidas pela natureza e pela possibilidade de transformar seu meio.

Dejours¹³ demonstra que a construção de saúde está relacionada, entre outras coisas, ao exercício da capacidade de expressão de inteligência criadora. Cattani e Holzmann¹⁴ afirmam que, a partir do Taylorismo, o trabalho nos dias atuais se tornou fragmentado, repetitivo, monótono e desprovido de sentido. A autonomia e a capacidade criativa do trabalhador foram dissociadas do conteúdo de produção. Percebe-se que as mulheres rurais entrevistadas encontraram a possibilidade de executar suas tarefas de forma criativa e comparam seu trabalho a situações positivas e de conotação de liberdade, com possibilidade de expressar sua individualidade em seu cultivo, sem fragmentação do trabalho, percebendo e valorizando todas as etapas de sua atividade.

Essa vivência está de acordo com os estudos de Dejours; Abodoucheli; et al¹⁵, que demonstram que as estratégias defensivas, mecanismos utilizados pelo trabalhador para modificar, transformar e minimizar sua percepção da realidade para defender-se de situações desgastantes, transformam as situações de trabalho em algo mais favorável. No caso das mulheres rurais entrevistadas, a satisfação em trabalhar e viver no campo evidencia a opção por estar e trabalhar no meio rural e viver de forma menos automatizada, valorizando a natureza e o processo único.

Raquel, 62 anos, casada, seis filhos, trabalha com as atividades domésticas, cuida da horta e dos animais. Contribui com a filha ao cuidar da neta e trabalha com o marido nas atividades da lavoura, as quais já realizava com seus pais desde os 10 anos. Na voz de Raquel, ouvimos sua escolha e sua satisfação com a vida no campo.

Eu não sei, acho que se era para mim viver na cidade, eu não vivia, porque eu gosto do campo. Eu gosto de quando o dia amanhece, os quero-queros estão gritando, daí tu abre tua casa e sente outro ar, eu adoro. Quer ver me sentir bem é eu começar segunda até sexta meu ramo de serviço todos os dias, adoro. Raquel

Poder escolher o próprio trabalho adiciona ao sujeito um espaço de satisfação e realização de desejos inconscientes, ou seja, a partir de uma operação simbólica, é possível a expansão da subjetividade, de tal modo que o sujeito pode criar e inventar. Este processo parece evidenciar a relação entre trabalho e a constituição e afirmação da identidade¹⁶.

A entrevistada Graça, 39 anos, casada, quatro filhos, trabalha com a família em uma hotelaria de cavalos, onde realiza as atividades administrativas e o cuidado braçal com os animais. Assim fala sobre seu trabalho: *É porque, senão, eu já tinha abandonado. A gente faz porque a gente gosta. (...) Adoro [o trabalho]. É nossa vida é aquilo ali, né?*

A liberdade para executar o trabalho pode promover saúde. A saúde é entendida como produto de uma dinâmica humana individual e coletiva que constrói estratégias defensivas ou ofensivas contra o sofrimento inerente ao trabalho, é um movimento de busca³.

Vitória, 56 anos, casada, dois filhos, é aposentada e trabalha de forma voluntária no Movimento Social de Mulheres Camponesas (MMC). Na narrativa abaixo, a entrevistada faz referência às suas vivências em relação ao machismo do marido, o que lhe causava sofrimento e limitações. O trabalho apresentou-se na vida de Vitória como uma alternativa para enfrentar a situação vivenciada em casa, de modo que a atividade laboral contribuiu para sua emancipação, mesmo não havendo remuneração.

Pra você ver como faz a diferença nosso movimento [MMC- Movimento de Mulheres Camponesas]. Quando eu conheci ele [marido], (...) é de origem polonesa, aqueles polacos bem atrasados. Daí ele casou, e achou que eu iria ficar só em casa lavando roupa pra ele. E logo que me casei, entrei no movimento, comecei a gostar da coisa e tinha que sair e viajar. Ele dizia 'ah, Vitória não dar desse jeito'. Eu falei 'senta aí e vamos conversar'. Vitória

Mesmo morando no campo, Vitória não se limitou a trabalhar na lavoura; optou por trabalhar em atividades de militância, que denunciam abusos e contribuem para a emancipação da mulher rural.

Estudos apontam que a maioria das agricultoras executa o trabalho doméstico além das atividades na lavoura¹⁷⁻¹⁸. Desde muito jovens, essas mulheres foram acostumadas à submissão aos pais e, depois de casadas, aos maridos. Na pesquisa de Brumer¹⁸, observa-se que existe uma rígida relação de gênero dos papéis. Na realidade das mulheres rurais, constata-se direcionamento para aprimorar tudo que se relaciona à habilidade manual, o que explicita delicadeza, que culturalmente está associada ao gênero feminino. As atividades principais das trabalhadoras – fazer almoço, lavar roupa, limpar a casa, cuidar dos filhos – não estão vinculadas ao ganho econômico do núcleo familiar¹⁷⁻¹⁸.

Nas pesquisas citadas e nas entrevistas com as mulheres rurais, evidencia-se que as escolhas da maioria das agricultoras são limitadas. Desde muito jovens, as atividades preestabelecidas e construídas socialmente no meio rural designam a atividade doméstica como a atribuição principal das mulheres. No entanto, percebe-se que as entrevistadas desta pesquisa executam as atividades prescritas com prazer. Entende-se que, quando existe uma escolha pessoal e não apenas uma atribuição cultural ou intrusão sobre a mulher rural, é possível que o trabalho contribua de forma adequada para a saúde e o exercício da subjetividade da trabalhadora.

Pra mim, a vida pra fora é uma vida boa, porque sempre tem alguma coisa pra ti fazer. Se te sobrou tempo, tem um pé de flor pra conversar e ir arrumar. De manhã, o que eu mais gosto de fazer é preparar meu chimarrão e ir ao jardim olhar minhas flores, e converso com elas, é uma vida boa agora. Raquel

As mulheres participantes deste estudo demonstram que a escolha do trabalho e a quebra do paradigma das atividades divididas por gênero podem estar relacionadas com a produção de prazer das agricultoras.

Claro, porque tinha que sair de casa, e qual o marido que deixa? Machista do jeito que são... Eu disse: 'você não pensa que vou ficar aqui de jeito nenhum, a gente precisa de tanta coisa pra nossa chácara, e o governo tem tudo pra nos dar. Se eu não for atrás, você vai? Você não vai. Então, me deixa ir'. Vitória

Vitória demonstra no relato acima que, a partir do seu trabalho, consegue emancipar-se das atividades culturalmente associadas à mulher do campo. Na narrativa, evidencia-se o exemplo de como essas trabalhadoras conseguem ir além do papel social atribuído a elas.

É possível perceber, ainda, satisfação decorrente do trabalho nos discursos das trabalhadoras, mesmo considerando que têm uma carga excessiva de atividades. O estudo de Ebling; Falkembach; et al¹⁹ com mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) demonstra que também essas mulheres conciliam as tarefas domésticas com o trabalho em âmbito público. A participação política e a possibilidade de lutar por ideais possibilitam que as mulheres se percebam como produtoras de riqueza, como capazes de sobreviver com autonomia e contribuir para a melhoria da qualidade de vida de sua família e de seus grupos de convivência no assentamento (p. 1).

É praticamente eu que comando, até o funcionário diz: 'Graça, tu não pode virar as costas daqui porque, senão, cai a peteca'. Na verdade, meu marido sabe muito sobre o cuidado com os cavalos, e eu aprendi na convivência, mas ele não administra, daí é comigo. Graça

O trabalho pode ter caráter transformador, emancipador e, ainda, libertador. No entanto, é necessário que seja ressignificado, ou seja, é fundamental que as potencialidades de cada um sejam valorizadas, que o próprio sujeito seja autor de sua trajetória, não sendo apenas uma peça na engrenagem capitalista²⁰. Afinal, a possibilidade de escolher o que se quer realizar e de expressar-se por meio do seu trabalho mostra-se essencial para as mulheres rurais exercerem as tarefas com prazer, apesar das dificuldades inerentes à sua execução. O trabalho é uma das formas de produzir saúde e realização; contudo, isso só é possível quando existe uma divisão de trabalho adequada e espaço para o sujeito exercer sua subjetividade¹¹.

3.2 Divisão e Organização do Trabalho

Os resultados estão intrinsecamente relacionados com a categoria anterior, uma vez que as entrevistas indicam que algumas mulheres rurais, além de escolherem onde e com o que querem trabalhar, escolhem também como executar seu trabalho. Os dados obtidos na análise das entrevistas demonstram que a organização do trabalho e a divisão das tarefas de forma equilibrada entre homens e mulheres constituem mais um fator de produção de prazer na vida das agricultoras.

A organização do trabalho divide as normas, o tempo e o controle exigido pela tarefa a ser executada. Essa divisão organiza o subjetivo do trabalhador, possibilitando prazer ou sofrimento. A dinâmica de reconhecimento no trabalho ocorre quando a retribuição existe, de forma simbólica, como gratidão em relação ao que foi realizado no trabalho. Isso permite a organização e o espaço para a subjetividade do trabalhador, e, com isso, o sofrimento é transformado em prazer³⁻¹¹⁻²¹.

A narrativa de Graça, a seguir, exemplifica um modo de organização de trabalho no qual a divisão se dá em acordo com as necessidades das tarefas e da própria trabalhadora: *(...) já vamos pra hotelaria daí, e lá começa. É eu, meu marido e meu filho. Eu tento colocar a parte pior pra eles, né? [risos]. Graça*

Ter autonomia na maneira de executar a tarefa laboral motiva o trabalhador, torna a atividade mais criativa, desperta o interesse e pode aumentar a satisfação no trabalho²². Glória, 56 anos, viúva, três filhos, trabalha em sua agroindústria de panificação e também cuida das atividades domésticas. Com 10 anos de idade, já trabalhava com o pai na lavoura. Na entrevista, ela demonstra que, apesar das dificuldades passadas, atualmente tem autonomia para exercer e executar o próprio trabalho. Os sentidos produzidos demonstram satisfação com a nova atividade.

Hoje eu estou bem, graças a Deus, e sei que foi do meu trabalho, senão, não estaria onde eu estou hoje. Eu tive muita esperança de conseguir [comprar equipamentos para montar sua agroindústria], nunca perdi a esperança e a fé. Glória

Siqueira²³ destaca que a autonomia decorre de um processo que envolve um desconforto com a falta de liberdade a respeito dos rumos da vida das pessoas. É a independência que viabiliza o processo de constituir-se como sujeito, apesar de condições psíquicas e sociais. Os sujeitos adoecidos não têm a possibilidade de modificar a organização do trabalho.

As entrevistadas deste estudo revelam autonomia e liberdade de escolha no que se refere às formas como serão realizadas suas tarefas, o que permite a expansão da subjetividade. Desse modo, o sofrimento que pode estar presente no trabalho parece ter sido transformado em prazer pela tarefa realizada.

Eu gosto, adoro. [trabalhar] (...) Ah, assim... É, eu [gosto] trabalhar e ver o retorno daquilo ali, né? Agora que eu me organizei melhor, estou bem de vida. Eu trabalho bastante, mas eu saio e compro o que eu quero. Posso usar meu trabalho, e isso me deixa bem confortável. Tenho meu carro e saio pra dançar [no] final de semana. Glória

Glória demonstra usufruir do seu trabalho, não apenas financeiramente, mas também como realização pessoal. Ao analisar a questão da autonomia, Rosenfield²² diz que liberdade dentro do trabalho remete a liberdade de si e mobiliza o sujeito para a realização pessoal. O indivíduo que não se reconhece como sujeito é aquele que segue uma autonomia outorgada, ou seja, simultaneamente é participante e objeto de uma ordem a ser seguida.

Diana, 53 anos, casada, três filhos, comercializa bolos e bolachas que ela mesmo produz, na feira livre de seu município. Também vende os produtos da horta e dos animais, como leite, queijos, ovos. Trabalha ainda com toda a atividade doméstica. Com nove anos de idade, já trabalhava com sua mãe nas tarefas domésticas e no cuidado dos animais

Adoro. Enquanto eu puder trabalhar, eu vou trabalhar. Nessa parte, não [pretende se aposentar]. Eu não me importo em ganhar dinheiro, eu gosto de atender as pessoas, produzir pra eles terem as coisas. Diana

A narrativa acima revela que o prazer em realizar o trabalho não envolve a retribuição financeira, mas sim a valorização simbólica das atividades, ou seja, o fato de as demais pessoas reconhecerem e gostarem do que a trabalhadora produz.

O sofrimento advindo da atividade laboral pode ser transformado em prazer quando no trabalho é possível a aplicação da inteligência e subjetividade mediante a adequada divisão do trabalho, bem como quando é reconhecida a importância da atividade individual para a organização do trabalho. Para Antunes²⁰, o trabalho pode ser libertador quando o sujeito está consciente de suas atividades, age com objetivos claros e busca melhores condições de vida para si e para os demais, buscando a satisfação de suas necessidades com respeito ao ambiente e sem se tornar escravo do consumo.

3.3 Reconhecimento Alcançado pelo Trabalho Realizado

Esta categoria surge a partir dos sentidos produzidos pelas mulheres em relação à valorização do trabalho que executam, quando suas atividades são reconhecidas pelas pessoas que as cercam.

Segundo Dejours³, o reconhecimento oferecido pelos pares é uma retribuição de natureza simbólica, ou seja, representa a conquista da efetivação da tarefa e o engajamento do sujeito com seu corpo e subjetivo. Lima²⁴ afirma que o reconhecimento acontece inicialmente em relação à realidade, isto é, a constatação da contribuição individual para o trabalho; depois, ocorre o reconhecimento no sentido de gratidão pela participação do trabalhador na atividade e organização de trabalho.

Ana, 55 anos, casada, dois filhos, trabalha em agroindústria de sua propriedade fabricando melado e rapadura. Comercializa os produtos na feira livre municipal e também trabalha com as atividades domésticas. Organiza excursões pela rota turística de sua cidade, onde sua propriedade é um dos locais visitados. Abaixo, demonstramos sentidos produzidos nos encontros, que evidenciam reconhecimento pelo trabalho que as trabalhadoras realizam.

(...) vinha excursões de escolas e turistas, tem uma ponte, um museu, tem um ponto medicinal, eles fazem a rota toda, e a gente fica junto. (...) Eles olham as coisas antigas dos imigrantes alemães de antigamente. (...) Tem na minha casa [museu]. Ana

A valorização e o reconhecimento do trabalho da entrevistada pelas outras pessoas estão relacionados não apenas aos produtos comercializados, mas também ao cuidado com a preservação da história da propriedade onde ela vive. Heck e Langdon¹⁷, em estudos com a população rural, apontam que o julgamento do trabalho da mulher no campo focaliza, basicamente, a limpeza dos filhos, da casa e da horta, que deve ser bonita, com flores e verduras. No caso da entrevistada acima, é possível perceber o quanto a trabalhadora se sente reconhecida com as visitas e excursões que recebe em casa. Assim, Ana direciona as atividades que são esperadas socialmente da mulher, como o cuidado da casa, para algo que lhe traz prazer, reconhecimento e, nesse caso, ganho financeiro.

O reconhecimento surge e é reforçado por relações sólidas e cooperativas. A vivência do trabalho é enriquecida pelo reconhecimento. Ser reconhecido fomenta o sentido do trabalho, podendo então transformar o sofrimento em prazer²⁴.

Fui indicada por amigas. Minha vizinha era parte da coordenação, ela me trouxe para o movimento (...) Precisa ver quantas mulheres a gente tem tirado da maior angústia e miséria através do nosso trabalho. Vitória

Na narrativa de Vitória, observa-se como o trabalho é reconhecido pelos seus pares, desde suas amigas e vizinhas até as mulheres em situação de vulnerabilidade e submissão que ela se propõe a amparar.

Com ajuda da Emater, fui a feiras, comecei fazendo [pães] só para casa, e ele [marido] me apoiava nisso porque às vezes não tinha dinheiro nem pra fazer rancho. Glória

O coletivo de trabalho é uma construção social de cooperação em que acordos, normas e valores se consolidam em forma de regras entre as pessoas, criando um sentido para os trabalhadores quando existe um nível de reconhecimento entre eles. As estratégias defensivas individuais em relação ao sofrimento do trabalho têm resultado limitado, perdendo a eficácia na manutenção da saúde. Daí a importância do desenvolvimento de estratégias coletivas de reconhecimento para o cuidado da saúde²⁴.

(...) por exemplo, a gente, no oito de março, dia da mulher, a gente se organiza e faz atividades na cidade. Reunimos as mulheres e vem a defensora pública falar sobre os direitos das mulheres, a defesa da mulher. Vitória

O sentido do trabalho é um conceito usualmente utilizado como uma representação coletiva do ato de trabalhar²⁵. Esse sentido, que é sempre pessoal e singular, está junto aos ganhos que o trabalho traz para a identidade do sujeito. A conquista da identidade ocorre quando a dinâmica de reconhecimento no trabalho favorece a realização pessoal nas relações sociais³.

O trabalho ganha sentido na vida dessas mulheres quando o grupo social reconhece o que elas fazem e compreendem a importância dessa atividade:

Recebe bem, o pessoal está reconhecendo que o veneno hoje em dia está prejudicando muito, daí as coisas mais naturais são mais procuradas. Até o pão e a bolacha sem conservantes o pessoal está procurando.... Diana

Assim, as relações de trabalho tornam-se mediadoras das realizações do sujeito e da construção da própria identidade. A dinâmica de contribuição e retribuição no trabalho possibilita que as iniciativas e desejos dos trabalhadores sejam atendidos, evitando que estes sejam considerados apenas como executantes das atividades. É o reconhecimento do trabalho pelos pares que sustenta o processo de transformação do sofrimento em prazer.

3.4 Configurações de Sofrimento no Trabalho Transformado em Prazer

Esta categoria emerge a partir dos sentidos produzidos acerca do sofrimento intrínseco à atividade laboral e dos movimentos realizados para transformá-lo em prazer.

Isabel, 55 anos, casada, três filhos, afirma que trabalha apenas com as atividades domésticas. Porém, descreve sua rotina afirmando que também cuida dos animais e faz doces caseiros. Começou a trabalhar com sete anos de idade. Ilustra o prazer que o trabalho lhe dá na seguinte narrativa: *Eu sempre digo 'de trabalho, ninguém morre' [risos]. Trabalhar é bom. Eu fico doente com preocupação e incomodação [marido e irmão são alcoolistas]. Isabel*

Segundo Mendonça e Mendes⁴, a saúde no trabalho é vista como expressão de uma integridade física, psicológica e social. Não é ausência de sofrimento, mas a possibilidade de utilização de mediações internas e externas do sujeito, de transformar situações adversas, no movimento pela busca de prazer e de fuga do sofrimento.

Salvaro; Estevam; et al²⁶, em seus estudos sobre mulheres rurais que trabalham em cooperativas, afirmam que o trabalho contribui não só para aquisição econômica familiar, como também para desconstruir relações de trabalho desiguais que reforçam normas de gênero e hierarquias. Percebe-se que as pesquisas atuais entendem o reconhecimento do trabalho das mulheres indo além das questões econômicas, ou seja, também é visto como forma de luta, por meio do coletivo, pela emancipação e realização de si.

Depois que eu casei, nunca trabalhei fora, sempre em casa, cuidando das crianças, e agora faz quatro anos [que] estou com a agroindústria, estou trabalhando como nunca trabalhei antes. Mas eu faço o que eu gosto. Raquel

A saúde no trabalho é marcada pela utilização de mediações capazes de mobilizar os trabalhadores em busca de uma relação mais gratificante com suas tarefas. O trabalho é percebido como saudável quando existem relações que medeiam a realização pessoal do sujeito, logo, contribui para a construção da sua identidade⁴⁻⁶.

Uns [cavalos] têm suplemento, outros têm que dar soro. Nós tínhamos um cavalo com tétano, eu quase entrei em depressão [...] Bah, um cavalo em que a gente está apostando tudo, e é um cavalo bom, com genética boa e morfológicamente já está pontuado. Pedi muita ajuda e oração pra ver se curava, e, graças a Deus, ele está correndo no potreiro. Até eu melhorei... Graça

Mesmo com as dificuldades encontradas nas atividades, Graça continua motivada para o trabalho. É possível perceber que o trabalho não se restringe a executar as tarefas corriqueiras de cuidados dos cavalos, como alimentação e higiene, entre outros. A entrevistada utiliza sua inteligência para realizar a tarefa que pode ser confundida com uma atividade apenas de execução braçal. Contudo, nos sentidos produzidos por Graça, o trabalho denota prazer, saúde e realização pessoal.

Então, é bem puxado pra mim, é o motivo do meu cansaço. Segunda-feira, eu fui pra Passo Fundo e estava até ontem de reunião e atividade com o grupo de umas gurias de São Paulo da Fiocruz, que é outra organização e quer fazer uma parceria com nós aqui do Rio Grande do Sul. É muito bom, pra esse mundo que a gente vive de correria, cansaço e estresse, nosso trabalho é uma terapia. Vitória

O trabalho, nesse caso, foi considerado terapia pela entrevistada, pois é um alívio para as dificuldades encontradas na rotina.

Segundo Dejours³, para a manutenção da saúde mental no trabalho e para a transformação do sofrimento em prazer, é necessário que haja mobilização subjetiva, que ocorre espontaneamente com o engajamento do sujeito no trabalho. A maioria das pessoas saudáveis não apenas executa o trabalho, mas faz dele uma oportunidade para construir sua identidade no campo social. Essa mobilização subjetiva possibilita e mantém a saúde mental no trabalho.

Depois de toda a mobilização subjetiva experimentada por uma atividade que passa pela retribuição e contribuição sujeita ao reconhecimento, as mulheres já não são as mesmas, não se sentem tão submissas, estão mais abertas ao mundo e à liberdade, e, assim, outras mulheres são afetadas²⁷.

Essa [Lei] quando marido faz maus tratos e vem alguém te ajudar. Tem psicóloga que atende também, né? Eu fui conversar com uma psicóloga logo depois que eu estava em parafuso, e isso me libertou mais que remédio. Eu senti que podia ser livre. Isso, a minha irmã não sabe e não tem direito a nada. Glória

Conforme a entrevistada relata, o atendimento da psicóloga contribuiu para a busca de sua emancipação. Glória encontrou o ambiente para narrar e mudar sua vida, e agora consegue perceber as limitações a que era submetida. Também percebeu que a medicação utilizada sozinha não teria o efeito desejado na superação de angústias e sofrimentos. Para Peres; Rozemberg; et al²⁸, os trabalhadores rurais são carentes de informação, entretanto, eles não são carentes de cultura, sendo esta rica e consistente.

Em termos de políticas públicas, faz-se necessário liberar as mulheres para o exercício do seu direito ao emprego remunerado, em que o Estado pode implementar políticas que favoreçam a conciliação entre trabalho e família²⁹. Para tanto, a ONU²⁹ considera importante focar na proteção social com estratégias progressivas, já que, na ausência do poder público, principalmente em relação às famílias mais pobres, se tende a sobrecarregar o trabalho feminino não-remunerado. Reconhecer essas características no trabalho com a população rural feminina é fundamental para o adequado atendimento das necessidades de saúde.

O saber técnico/acadêmico apresenta distanciamento e limita a relação entre os profissionais e trabalhadores rurais, muitas vezes impossibilitando empatia dos profissionais com sua clientela. O grande desafio está em incorporar a cultura do homem do campo nas informações direcionadas a esse grupo²⁸.

Assim, para uma atividade mais eficaz, os profissionais da área da saúde podem agir como motivadores, contribuir para a reflexão das mulheres rurais sobre seu trabalho e entender o quanto a atividade laboral impacta na saúde das pessoas.

4. Considerações finais

Este estudo analisou os sentidos produzidos por meio das narrativas das mulheres rurais frente à jornada de trabalho e aos afazeres domésticos, identificando as experiências que essas mulheres associam ao prazer e à saúde.

Os meios, expressos nas categorias deste estudo, que as entrevistadas utilizam para defender-se contra o sofrimento do trabalho são significativos, já que, apesar das adversidades, estas mulheres conseguem obter prazer no trabalho, diferentemente da maioria das agricultoras. A partir dos resultados, percebe-se que as estratégias defensivas utilizadas pelas trabalhadoras tornam o trabalho prazeroso, impactando em todo o contexto de sua vida, visto que a atividade laboral é indissociável da vida privada.

As narrativas deste estudo e os sentidos produzidos pelas mulheres rurais entrevistadas exemplificam os meios utilizados para transformar sofrimento em prazer mediante o trabalho e revelam o modo que elas utilizam para produzir saúde.

As iniciativas e desejos das mulheres rurais, quando atendidos, evitam que elas se vejam e se considerem apenas executantes dos afazeres domésticos. Percebe-se que a participação das entrevistadas em outros vínculos sociais, além do contexto doméstico, contribui para o protagonismo dessas trabalhadoras.

O foco dos profissionais da saúde que atendem a população rural deve ser amplo, levando em conta a situação de estereótipos e submissão que maioria das mulheres do campo vive. A escuta nos atendimentos de saúde deve alcançar o sujeito que se encontra em sofrimento. Portanto, para construir políticas públicas mais amplas que atendam as mulheres rurais em suas necessidades, é fundamental o debate a respeito do seu trabalho, já que este tem um impacto em sua saúde e, conseqüentemente, em suas vidas. Finalmente, os profissionais que trabalham no meio rural devem, desde a formação, ter acesso às especificidades de cada população e ainda considerar o trabalho de cada indivíduo e como essas pessoas se relacionam com suas tarefas e atividades, a fim de intervir de forma mais adequada na população, visando ao fortalecimento e ao protagonismo da mulher rural em seu trabalho.

5. Referências Bibliográficas

1. FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. Ano Internacional da Agricultura Familiar. <http://www.fao.org/family-farming-2014/home/what-is-family-farming/pt/>. <Acesso em 25.07.2014>
2. FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. Colocar os agricultores familiares em primeiro para erradicar a fome. <https://www.fao.org.br/cafppef.asp>. <Acesso em 08.07.2016>

3. Dejours C. Inteligência operária e organização do trabalho: a propósito do modelo japonês de produção. In: Hirata H (org). Sobre o modelo japonês. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo; 1993.
4. Mendonça H, Mendes AMB. Experiências de injustiça, sofrimento e retaliação no contexto de uma organização pública do Estado de Goiás. *Psicol estud* 2005; 10(3): 489-498.
5. Dejours C. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2004.
6. Dejours C. Subjetividade, trabalho e ação. *Production* 2004; 14(3):27-34.
7. Merlo ARC, Mendes AMB. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. *Cad psicol soc trab* 2009; 12(2):141-156.
8. Spink MJ (org). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2000.
9. Spink MJ (org). Práticas discursivas e produções de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 3ª ed. São Paulo: Cortez; 2001.
10. Fundação de Economia e Estatística do RS - FEERS. Corede Vale do Rio Pardo, 2009. http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_coredes_detalhe.php?corede=Vale+do+Rio+Pardo. <Acesso em 19.052013>
11. Dejours C. Sofrimento e prazer no trabalho: A abordagem pela psicopatologia do trabalho. In: Lancman S, Sznelwar LI (org). Christophe Dejours da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15; 2008.
12. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional de amostra por domicílios. Rio de Janeiro: IBGE. <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010135709212012572220530659.pdf>. <Acesso em 23.062016>
13. Dejours C. A saúde mental entre impulsos individuais e requisitos coletivos (sublimação e trabalho). In: Lancman S, Sznelwar LI (org). Christophe Dejours da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15; 2008.
14. Cattani AD, Holzmann L (org). Dicionário de trabalho e tecnologia. Porto Alegre: Zouk Editora; 2011.
15. Dejours C, Abodoucheli E, Jauet C. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas; 1994.
16. Mendes AM, Duarte FS. Mobilização Subjetiva. In: Vieira FO, Mendes AM, Merlo ARC (org). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá; 2013.
17. Heck RM, Langdon EJM. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: Minayo MCS, Coimbra JR CEA (org). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2002.
18. Brumer A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Rev estud fem* 2004; 12(1):205-227.
19. Ebling SBD, Falkembach EMF, Nascimento LA, et al. As mulheres e suas 'lidas': compreensões acerca de trabalho e saúde. *Trab educ saúde* 2015; 13(3):581-596.
20. Antunes R. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial; 2007.
21. Vaz C. Psicologia do trabalho. In: Vieira FO, Mendes AM, Merlo ARC (org). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá; 2013
22. Rosenfield CL. Autonomia outorgada e apropriação do trabalho. *Sociologias* 2004; (12):202-227.
23. Siqueira MVS. Autonomia. In: Vieira FO, Mendes AM, Merlo ARC (org). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá; 2013.
24. Lima SCC. Reconhecimento no trabalho. In: Vieira FO, Mendes AM, Merlo ARC (org). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá; 2013.
25. Costa SHB. Sentido do trabalho. In: Vieira FO, Mendes AM, Merlo ARC (org). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho. Curitiba: Juruá; 2013.
26. Salvaro GIJ, Estevam DO, Felipe DF. Mulheres em cooperativas rurais virtuais: reflexões sobre gênero e subjetividade. *Psicol cienc prof* 2014; 34(2):390-405.
27. Sales CMV. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. *Rev estud fem* 2007; 15(2):437-443.
28. Peres F, Rozemberg B, Lucca SR. Percepção de riscos no trabalho rural em uma região agrícola do Estado do Rio de Janeiro, Brasil: agrotóxicos, saúde e ambiente. *Cad saúde pública* 2005; 21(6):1836-1844.
29. ONU Mujeres. El Progreso de las Mujeres en el Mundo 2015-2016: Transformar las Economías para Realizar los Derechos.

http://progress.unwomen.org/en/2015/pdf/UNW_progressreport_es_10_12.pdf. <Acesso em 10.02.2016>.

Artigo Recebido: 01.07.2016

Aprovado para publicação: 09.09.2016

Marcele Schreiner Tonet

Universidade Luterana do Brasil, Unidade Universitária de Cachoeira do Sul.

Avenida Martin Lutero 301 Universitário

96501-595 - Cachoeira do Sul, RS - Brasil

Telefone: (51) 37220400

Email: marceletonet@hotmail.com
